

Juntar valor e criar riqueza

José Lourenço Fernandes

Professor catedrático do Instituto Superior Técnico

...INESC ...

Licenciado em engenharia electrotécnica (19...) pelo Instituto Superior Técnico

Eu também forneci uns genes para o INESC, para o bem e para o mal.

Em 1997 deixei o INESC porque eu acho que participar numa instituição como aquela só tem sentido se uma pessoa der e receber. Eu estava numa situação em que só recebia e não dava, senti-me desconfortável e achei que era melhor sair.

Gostei muito de ouvir os meus colegas. Realmente em breve estaremos preparados para contar essas histórias aos nossos netinhos, que era uma coisa que eu costumava dizer em alguns momentos de angústia - venham os netinhos e haja vida. De facto a nossa vida foi muito intensa e cheia de peripécias interessantíssimas.

Sobre isto tenho um pensamento que naturalmente não é devido à minha vivência actual no INESC, pois eu saí pela tangente já à cinco anos, mas tenho continuado a pensar nessa problemática.

A primeira coisa que eu acho importante, e que foi uma das atitudes essenciais do INESC e da cultura da instituição, era que a instituição não era um objectivo por si, a sua existência não era um fim, mas um meio para uma transformação. Isso acentuava muito mais o aspecto do organismo vivo. Era isso que queríamos, mais do que ter direito a um edifício com motorista, secretária, máquina de escrever IBM e fotocopiadora, que era o estatuto máximo que um professor universitário podia então ter. Acho que quem está ainda hoje no INESC, está porque continua a acreditar que o INESC tem uma missão transformadora a fazer, e aos quais eu desejo muito boa sorte.

Pessoalmente penso que o excesso de sucesso foi um dos piores erros que nós cometemos. Foi pensar que pelo facto de termos iniciado por uma instituição de investigação sobre contrato, isso queria dizer que havia objectivos, havia prazos e meios humanos, financeiros e de equipamento associados.

Depois passámos por muitas outras fases em que percebemos que o tecido empresarial português era fraco e não havia inovação. Criámos uma incubadora antes ainda de haver qualquer capital de risco em Portugal, o que mostra o desassossego que se vivia naquela instituição.

Igualmente quando apareceu o Fundo Social Europeu nós vimos nessa actividade uma coisa importantíssima. Nessa altura seríamos uma organização de quinhentas ou seiscentas pessoas.

Vinte anos depois está tudo na mesma no sistema universitário, porque nunca houve razão nenhuma para mudar. Pessoalmente estou convicto que, dada a natureza da instituição, ela nunca se vai mudar por dentro. O mesmo diria em relação ao país e aos nossos gestores.

Do esforço que foi feito no sector das telecomunicações, hoje as três empresas de telecomunicações estão todas concentradas, e só a PT tem um programa de inovação. Não existe essa prática nos Correios. Se olharmos para as vinte maiores empresas portuguesas, se calhar somos capazes de encontrar que este instrumento de gestão não faz parte da cultura empresarial portuguesa. **O juntar valor e o criar riqueza são coisas que parece que nós só sabemos fazer utilizando mão-de-obra barata, aldrabices fiscais, os presidentes das câmaras, os partidos políticos e a legislação.** Mas indo à essência do problema do que é a criação de riqueza, nós continuamos a ser uma sociedade subdesenvolvida.

Se me permitem um pensamento, recordo que o Juca Chaves contava uma anedota com alguma piada, que eu uso de vez em quando para ilustrar algumas coisas. Era a anedota dos dois irmãos, um optimista e um pessimista. O pessimista no Natal ganhou uma bicicleta linda, todo o terreno, e o outro ganhou um “balde de merda”. Encontraram-se e o pessimista muito preocupado disse ao irmão «que chatice pá! deram-me uma bicicleta, já viste que todos os miúdos que me vão querer dar porrada para andar na minha bicicleta, eu vou cair, vou-me magoar, vou ter que ir para o hospital... E tu o que é que ganhaste? – Eu ganhei um cavalo, viste-o por aí?».

Eu se calhar estou na óptica do que ganhou um cavalo. E diria que, para mim, é uma grande surpresa as iniciativas que o Presidente da República e o próprio Governo estão a ter em matéria de inovação. Só desejo que realmente saibam o que é a inovação, porque se não souberem, isto não passa mais uma vez de uma grande treta.